



UFAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
ICS

ROBERTO DA SILVA RODRIGUES

**A ESCOLA E SEUS PROCESSOS DE INDIVIDUALIZAÇÃO:
UMA ANÁLISE A PARTIR DO COLÉGIO N. SRA. AUXILIADORA, MACEIÓ-AL**

MACEIÓ
2021

Roberto da Silva Rodrigues

**A ESCOLA E SEUS PROCESSOS DE INDIVIDUALIZAÇÃO:
UMA ANÁLISE A PARTIR DO COLÉGIO N. SRA. AUXILIADORA, MACEIÓ-AL**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus A. C. Simões.

Orientador: Prof. Dr. Welkson Pires da Silva

MACEIÓ
2021

Roberto da Silva Rodrigues

**A ESCOLA E SEUS PROCESSOS DE INDIVIDUALIZAÇÃO:
UMA ANÁLISE A PARTIR DO COLÉGIO N. SRA. AUXILIADORA, MACEIÓ-AL**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus A. C. Simões.

Data de Aprovação: 31/05/2021.

Banca Examinadora

Welkson Pires da Silva

Prof. Dr. Welkson Pires da Silva
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus de Maceió
Orientador

Emerson Oliveira do Nascimento

Prof. Dr. Emerson Oliveira do Nascimento
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus de Maceió
Examinador

Júlio César Gaudencio da Silva

Prof. Dr. Júlio César Gaudencio da Silva
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus de Maceió
Examinador

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos à minha esposa Glenda Rodrigues, pelo incentivo e pela paciência nos períodos em que me dedicava a leitura dos textos e digitação dos trabalhos. Aos meus filhos, Rebeca, Raabe e Samuel pelo constante incentivo, impedindo que eu desistisse do curso, nos diversos momentos em que tive vontade. Aos meus colegas de trabalho, que faziam minhas atividades laborais enquanto eu estudava. Ao meu orientador que procurou extrair de mim um conhecimento que eu não sabia que possuía. E a todos os professores pela importância na minha vida acadêmica.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é demonstrar como elementos existentes na escola moderna poderiam favorecer o individualismo e, mais especificamente, como estas práticas escolares desde a educação infantil até o ensino médio, estariam moldando os sujeitos para se tornarem cada vez mais individualistas. Foram abordados neste texto o processo de construção da individualidade do sujeito e as transformações que ocorreram desde o Humanismo, Iluminismo e Reforma Protestante até a atualidade, dentro do ambiente escolar. O objeto de estudo foi desenvolvido a partir de um estudo de caso no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e o caminho metodológico utilizado foi uma pesquisa de natureza exploratória qualitativa com observação não participativa, entrevistas e análise documental.

Palavras-chave: Individualismo. Escola. Modernidade.

Abstract

The objective of this work is to demonstrate how elements existing in the modern school could favor individualism and, more specifically, how these school practices from early childhood education to high school, would be shaping the subjects to become more and more individualistic. In this text, the process of constructing the individuality of the subject and the transformations that occurred from Humanism, Enlightenment and Protestant Reform to the present day, within the school environment, were addressed. The object of study was developed from a case study at Colégio Nossa Senhora Auxiliadora and the methodological approach used was a qualitative exploratory research with non-participative observation, interviews and documentary analysis.

Keywords: Individualism. School. Modernity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 O processo de construção do individualismo moderno.....	10
1.1 ...a partir das transformações nos padrões culturais	11
1.2 ...a partir das transformações nos padrões econômicos	13
1.3 ...a partir das transformações nas configurações espaciais.....	16
2 A escola e seus processos individualizadores.....	19
2.1...observando as estruturas ideológicas.....	19
2.2...observando as estruturas econômicas.....	28
2.3...observando a organização e infraestrutura.....	31
3 Explorando o ambiente escolar	37
3.1...em seus fundamentos pedagógicos e ideológicos.....	37
3.2...em seus direcionamentos socio-econômicos.....	43
3.3...em sua estrutura física e organizacional.....	46
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

Enquanto participava das aulas de Sociologia da Educação, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, foram discutidos em vários momentos como a escola moderna e seus aspectos contribuíram para que os sujeitos fossem mais individualistas do que interacionistas, durante e após a passagem pelo período escolar.

Baseados nestes comentários, despertou-nos o interesse para uma análise mais específica de como os elementos presentes na escola moderna poderiam favorecer na construção de sujeitos mais propensos ao individualismo. Seria a escola moderna uma instituição que promoveria, ainda que indiretamente, a construção de sujeitos voltados unicamente pra si? Estes sujeitos, poderiam a partir de então estarem condicionados a uma participação social limitada a obtenção de necessidades profissionais, sem uma maior percepção do mundo a sua volta e das relações que o cercam? As estruturas escolares, sua arquitetura, o lugar onde estaria inserida, sua ideologia, poderiam ser propulsoras destas características individualizantes?

A observação destes elementos a partir de então tornaram-se o objetivo da nossa busca. O objetivo geral seria demonstrar como estes fatores poderiam favorecer o individualismo e, mais especificamente, como as práticas escolares desde a educação infantil até o ensino médio estariam moldando os sujeitos para se tornarem cada vez mais individualistas.

A metodologia de pesquisa utilizada foi uma pesquisa de natureza exploratória qualitativa. Escolhemos o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora para realizar um estudo de caso. Ele foi escolhido por se tratar de uma escola particular, confessional, que atua da Educação Infantil até o Ensino Médio e já possui uma história de mais de trinta anos de funcionamento. Estivemos ali em alguns momentos onde realizamos uma observação não participativa em todo ambiente escolar e sua dinâmica de funcionamento. Fizemos entrevistas com alguns funcionários e também realizamos uma análise documental do Projeto Político Pedagógico (PPP) e de algumas fotos da escola de períodos anteriores a pandemia de SARS COVID-19.

A princípio tivemos algumas dificuldades de identificarmos outros trabalhos literários voltados especificamente para a construção do individualismo no ambiente escolar. Fomos orientados então a realizar um breve apanhado histórico que iria

desde as transformações ocorridas no final da Idade Média, advindas do Humanismo, do Iluminismo, da Reforma Protestante, da Revolução Francesa até chegar na sociedade moderna.

Procuramos então destacar, como estes novos padrões sociais foram se desenvolvendo e como esse entendimento sobre a individualidade do sujeito e sua participação no mundo, sofreram com estas alterações comportamentais. Na medida que fomos analisando os textos, a direção de nossa pesquisa voltou-se para três aspectos da sociedade moderna: os aspectos culturais, econômicos e as configurações espaciais.

Uma vez que identificamos estes elementos na sociedade moderna, voltamos então o nosso olhar para a forma como eles se apresentam dentro dos muros da escola. Realizamos uma análise textual onde os elementos identificados se manifestam no ambiente escolar. Procuramos, desde então, identificarmos nestes textos como a escola trabalha a individualidade dos sujeitos a partir das suas estruturas ideológicas, econômicas, da organização escolar e infraestrutura que possui.

Finalmente, estivemos no interior da escola por um período, observando, entrevistando, analisando documentos e fotos para identificar até onde estes fatores descritos pelos autores citados estariam de fato promovendo o desenvolvimento de sujeitos mais individualistas.

1 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO MODERNO...

O homem moderno é o resultado da soma de uma infinidade de elementos que foram e continuam sendo somados à sua existência. Nessa diversidade dos aspectos que compõem a natureza dos indivíduos, as estruturas que moldaram os padrões culturais, as descobertas que direcionam os padrões econômicos e as configurações espaciais que vão se desenvolvendo a partir daí, constituem um mundo moderno repleto de informações e constantemente em transformação.

Ao observarmos este mundo ao qual o sujeito está inserido, percebemos que os elementos externos vão vagarosamente desenhando características que se tornam a direção em que os indivíduos se movem.

Os aspectos que influenciam nessa caminhada, as estruturas externas em contraste com as estruturas internas estão presentes nessa busca em desvendar este caminho.

As escolhas individuais, em detrimento das pressões socialmente exigidas, marcam a discussão que vem a seguir, procurando conduzir o pensamento principalmente na direção em que os sujeitos pareçam estar cada vez mais individualistas, mesmo estando presos a tantos laços sociais.

1.1 ...a partir das transformações nos padrões culturais

O século XVI foi um período em que os indivíduos e consecutivamente a sociedade passou por significativas transformações. Estas transformações culminaram em um maior destaque para as individualidades dos sujeitos libertando-os de diversas tradições estabelecidas nos séculos anteriores. “Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas que a individualidade era tanto “vívda” quanto “conceitualizada” de forma diferente.” (HALL, 2006, p. 25).

O humanismo despertava nos sujeitos os ideais de liberdade, associados à virtude e voltados para o pensamento dos direitos individuais, para o desenvolvimento de capacidades intelectuais e a busca por um bem-estar coletivo. A busca pela virtude individual se apresentava então como sendo “a verdadeira essência do indivíduo, capaz de elevá-lo ao adequado espírito público e ao serviço da comunidade” (VIEIRA, 2013, p. 116).

Os esforços individuais destes ideais eram então no sentido de alcançar a excelência humana, a busca pela virtude que:

somados às novas necessidades e possibilidades impostas pela época, é que irão caracterizar o homem da Renascença com um tipo de individualidade voltada para fora, para suas auto realizações, para suas potencialidades, dando-lhes autoconsciência, resgatando a dignidade da natureza humana e firmando a possibilidade de vencer quaisquer obstáculos com que se defrontem em seu caminho. (VIEIRA, 2013, p. 116).

Este sujeito que, embora ainda estivesse de posse dos princípios de fé religiosa, agora cada vez mais protestante, passou a utilizar-se da razão para questionar a vida a sua volta. Passou também a ter uma maior autonomia em relação ao mundo, porém, sem se desligar totalmente dos princípios da fé. Contestando o mundo, no entanto, vivendo no mesmo. Buscando também através da razão, as ideias que iluminariam seu interior, para a construção de um novo sujeito, com novas capacitações.

Conforme descrito por Stuart Hall: O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo (HALL, 2006, p.10).

No Iluminismo Humanista o homem passava a ser o centro. Livre, autônomo, consciente de si, porém tendo que se adequar a um novo mundo e a refletir estas alterações individuais em todos os ambientes externos, que a partir de então passaram a ser bem mais urbanos. Isso demandava a necessidade de busca por mais conhecimento, desenvolver novas capacitações, construir novos currículos adequando-se aos novos ambientes de moradia, trabalho e sociabilidade.

Com uma maior valorização da interiorização e da consciência de si e das suas escolhas, este indivíduo precisava, a partir de então, encontrar outras formas de relacionamentos sociais para a manutenção desta vida em sociedade. Estas novas atividades sociais estavam sendo fortemente alteradas por uma vida muito mais urbana e industrializada (BRANCALEONE, 2008).

A Reforma Protestante, ocorrida a partir do século XVI, também pode ser considerada um marco no processo de libertação da consciência individual frente ao controle das instituições religiosas, já que retirou das mãos dessas instituições a

definição quanto ao destino dos sujeitos, promovendo o entendimento da salvação pela graça e a importância de uma relação mais pessoal com Deus. Impulsionada por Martinho Lutero, a Reforma Protestante possibilitou a liberdade individual da fé, rompendo com diversas tradições religiosas estabelecidas há séculos pela Igreja Católica. Promovendo rupturas nos padrões de comportamento que se espalharam por toda Europa ocidental e se estenderam para as novas terras recém-descobertas. (HALL, 2006).

Segundo Vieira, esta libertação de tradições religiosas, que tirava do homem o peso das imposições eclesiásticas, eram substituídas por uma coerção divina em busca da salvação de sua alma. Estas mudanças, no entanto, foram importantes para fundamentar estruturas interiores que refletiram no mundo moderno e no processo de individualização ao expandir-se por outras áreas da sociedade e:

Uma vez que o comportamento social e ético não se encontra mais necessariamente orientado diretamente pelas convicções religiosas, abre-se aí um mundo de possibilidades de atuação, no qual o único parâmetro é a consciência individual, muito embora ainda não se encontrem, neste tipo de consciência, os caminhos para a construção de uma individualidade positiva. (VIEIRA, 2013, p.119).

Estes ideais libertários ganharam força em todos ambientes sociais, pois a libertação das tradições enfraqueciam o poder da igreja e também despertavam em príncipes e nobres a possibilidade de obtenção de um poder que até então estavam nas mãos dos religiosos. (FONSECA, 2009). Desde os primeiros séculos da era cristã, a igreja tinha um papel definido enquanto instituição religiosa, na Idade Média ela alcançou o “poder mundano”, sendo acumuladores de riquezas, competindo com estes príncipes e nobres, por terras. Essa busca pelo aumento do poder da nobreza também serviu como fomentador de um individualismo, que inicialmente estavam voltados para a busca da salvação individual e, a partir de então, alcançou vários outros ambientes sociais (VIEIRA, 2013).

Através da observação dos modelos de vida ascética nas condutas dos cristãos protestantes da América do Norte, principalmente dos protestantes calvinistas, Max Weber procurou demonstrar como estas condutas favoreceram o desenvolvimento de um “espírito capitalista”, que se tornou uma das estruturas do individualismo moderno. E como Weber escreveu:

E se apesar de tudo empregamos provisoriamente aqui a expressão “espírito do capitalismo” (moderno) para designar aquela disposição que nas raízes de uma profissão de forma sistemática ambiciona o ganho (legítimo e racional), [...] Isso se deve a razão histórica de que aquela disposição encontrou sua forma mais adequada na empresa capitalista (moderna), e a empresa capitalista, por sua vez, encontrou nela sua força motriz espiritual mais adequada. (WEBER, 2007, p. 57).

Uma das características que se tornaram mais marcantes das sociedades modernas é a velocidade com que as mudanças aconteceram e ainda acontecem, levando o sujeito a estar constantemente em processo de transformação.

As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades tradicionais e as modernas. (HALL, 2006, p.14).

Estas mudanças constantes na vida moderna “fizeram surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade.” (HALL, 2006, p. 24). Mesmo que este sujeito individual existisse anteriormente, agora o individualismo era experimentado de forma diferente.

Estas transformações “libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2006, p. 25). Tanto o Humanismo Renascentista, quanto a Reforma Protestante e o Iluminismo contribuíram para que estas mudanças ocorressem direcionando os rumos da história humana no desenvolvimento do individualismo.

1.2 ...a partir das transformações nos padrões econômicos

Observando estes momentos de intensas transformações causadas pelo desenvolvimento industrial; e buscando compreender como funcionava a sociedade que a partir de então se formava, Karl Marx observou que estes trabalhadores, operários das fabricas, podiam ser comparados como sujeitos atrofiados, pois a divisão do trabalho em setores específicos limitava as suas capacidades totais humanas. (BARBOSA, 2016).

Devido ao fato da separação do trabalho entre espiritual e manual, e à condição de não se reconhecer ao final da realização do produto da sua força de

trabalho, isso gerava uma condição de limitação individual, uma alienação ao produto final do qual ele tinha participação durante sua constituição, mas não na totalidade (MARX, 1978).

Segundo Marx, esta era uma posição que gerava conflitos nestes sujeitos que, a partir de então eram formados nas sociedades urbanas industriais. Ele então descreveu que na dependência dos homens à especialização das atividades da divisão social do trabalho, havia um impedimento para o desenvolvimento da afirmação de sua individualidade, o que não favorecia para formação de um ser humano completo e capaz.

Nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* nota-se a seguinte citação:

Um Ser só se considera autônomo, quando é senhor de si mesmo, e só é senhor de si, quando deve a si mesmo seu modo de existência. Um homem que vive graças ao outro, se considera a si mesmo um ser dependente. Vivo, no entanto, totalmente por graça de outro, quando lhe devo não só a manutenção de minha vida, como também o fato de que ele além disso criou minha vida, é a fonte de minha vida; e minha vida tem necessariamente o fundamento fora de si mesmo, quando não é minha própria criação (MARX, 1978, pag. 14).

A divisão social do trabalho, decorrente do desenvolvimento industrial, reduziu o trabalhador à condição de se tornar mais uma “ferramenta” no processo de produção, bem mais individualista, porém incompleto, pois

Em um universo menor das relações de produção, ocorre a chamada divisão social do trabalho na produção, que “esfacela” o trabalhador. Esse não acompanha mais todo o produto realizado, não faz parte mais inteiramente do processo como no período anterior (período histórico anterior), portanto, tornou-se incompleto em sua natureza. (BARBOSA, 2016, p. 199).

Partindo dos conceitos trabalhado por Durkheim sobre a modernidade, eles nos levam a compreender que, a sociedade como se apresenta nos moldes atuais, existe por causa da coesão social e que mesmo em face ao desenvolvimento de inúmeras especificidades nas atividades geradas pelo desenvolvimento moderno, elas ainda se mantêm coesas (VARES, 2014).

Emile Durkheim, em seu livro “A Divisão do Trabalho Social”, buscava uma explicação para os fatos sociais que agora se manifestavam. Ele procurava demonstrar que, devido ao formato destas novas atividades os elos de ligação dos sujeitos apresentavam características similares a uma forma de solidariedade

orgânica, que por ser mais especializada trazia uma série de complexidades nas relações, que não se encaixavam totalmente no modelo de solidariedade mecânica, que era o exemplo do modelo anterior ao período industrial (DURKHEIM, 1983).

Neste modelo dito por ele como solidariedade orgânica, as relações de dependências eram mais complexas e as diferenças sociais, bem como o individualismo dos sujeitos eram mais evidentes. A necessidade de troca de serviços tornou-se uma marca nas relações, muito mais do que as crenças e valores tradicionais.

Em *O Individualismo e os Intelectuais*, Durkheim descreve que:

À medida que as sociedades se tornam mais volumosas e se estendem por mais vastos territórios, tradições e práticas, para se poderem moldar à diversidade das situações e à mobilidade das circunstâncias são obrigadas a conservarem-se num estado de plasticidade e de inconsistência tal, que já não oferece resistência suficiente às variações individuais. Estas, sendo muito menos reprimidas, produzem-se mais livremente e multiplicam-se: é dizer que cada qual segue melhor o seu próprio sentido (DURKHEIM, 1975, p. 243).

Nas sociedades industriais, o trabalho com suas especificidades de atividades, se torna o componente que estabelece a coesão social que, como vimos anteriormente, funciona como um modelo orgânico, no qual cada área especializada é complementada por outra área especializada e elas dependem umas das outras simultaneamente (DURKHEIM, 1983).

Porém, mesmo com as ligações provenientes das relações de dependência nas diferentes tarefas, a meritocracia parece se tornar como um fator que direciona os sujeitos para um individualismo, pois ela estimula um desenvolvimento pessoal individual, onde há diferentes níveis sociais e estimula uma busca para conseguir superar as desigualdades sociais pelo esforço individual (BEHAR, 2019).

Observando estes esforços continuamente, é possível desenvolver uma reflexão sobre os aspectos, tanto negativos quanto positivos que se desencadearam a partir dessa liberdade individual e que tem se caracterizado por uma busca pessoal por ascensão, tornando os sujeitos individualistas e tendo os outros como concorrentes. Assim:

é possível observar orientação do viés tecnicista e cientificista na determinação do mérito, especialmente entre o século XVIII e primeira metade do século XX. A partir da perspectiva de que cada indivíduo

traria consigo condições naturais (ou genéticas) próprias e específicas, a mensuração da inteligência e habilidades individuais ocasionaria ordenamento social adequado. Após este período, no entanto, à noção de mérito verificam-se dimensões de ilimitada liberdade na busca de status social por meio do esforço individual, sob a expectativa de que todo esforço e mérito obtido será recompensado (BEHAR, 2019, p. 251).

A meritocracia busca estimular o individualismo e a autonomia no indivíduo, mas este “individualismo exacerbado” (BEHAR, 2019, pag. 251) se vê em contraste com outras formas de solidariedade e de ação coletiva, tornando-se mais uma forma de manipulação e alienação.

1.3 ...a partir das transformações nas configurações espaciais

No século XVIII, a Revolução Industrial e os processos de modernização se intensificaram e causaram intensas mudanças nas formas de moradia e nas vidas das pessoas. A acentuada urbanização que houve neste período, além das transformações econômicas e laborais também afetaram a religião, a política, a educação e trouxeram também consigo diversos conflitos de interesses na sociedade. (BARBOSA, 2016). Conforme mudanças foram surgindo, uma grande variedade de novas atividades e especificações de tarefas surgiram e consecutivamente necessitavam de novas configurações nas relações que envolviam os sujeitos, em todos os formatos do tecido social que se desenrolava.

Neste período de efervescência de transformações que atingiam todos os espaços físicos, ambientes familiares, escolares e urbanos moldavam-se aos novos desenhos de vivência que passavam a ser traçados.

Na passagem do modo de vida rural para o urbano, tínhamos o desencadeamento de uma ruptura na organização desses núcleos de sociabilidade. Quanto mais se multiplicava a vida da cidade – ou seja, à medida que o mercado estimulava o desenvolvimento hipercefálico da urbe, mais perdiam forças os círculos de parentesco e vizinhança como motivos de sentimentos e atividades comunitários. (BRANCALEONE, 2008, p. 100).

Os olhares dos sujeitos agora urbanos, estavam voltados para as atividades comerciais burguesas, para a produção industrial, gerando mesmo em meio a diversidade de atividades, uma acentuação do individualismo.

Nestes termos, Tönnies formulou sua teoria da sociedade e da comunidade: se na comunidade os homens permanecem unidos apesar de todas as separações, na sociedade permaneceriam separados não obstante todas as uniões (ibidem: 65). (BRANCALEONE, 2008, p. 100).

Este indivíduo, agora urbanizado tem um aumento da quantidade dos seus círculos sociais e nestes círculos buscam por uma distinção em meio aos outros e isso demonstra uma condição em que a vida se torna mais complexa. A busca por um individualismo, por uma diferenciação, por uma distinção de si mesmo em relação aos outros, sempre será independente e íntima, porém ela está sempre ligada ao outro e, contudo, estará sempre olhando para si mesmo. (ALVES; MACIEL, 2017).

George Simmel descreve que a inclinação para o aumento do individualismo não representa que se deva extinguir o laço social, mas representa uma liberdade de escolha, que está diretamente relacionado a quem ou ao que este indivíduo se vincula. (SIMMEL, 2006). Isso demonstra algo diferente dos laços anteriores, obrigatórios e que eram estabelecidos sem a participação do sujeito.

O crescimento dos círculos sociais também é percebido por Simmel como uma importante transformação para o aumento da liberdade e da individualidade. De acordo com o autor, uma das poucas regras que se pode estabelecer, com universalidade, acerca da evolução social é a de que a extensão de um grupo é paralela à individualização e independência de seus membros isolados. (ALVES; MACIEL, 2017, p. 271)

Destacamos também, através da leitura dos autores citados acima, que Norbert Elias, descreve que há um longo processo civilizador ao qual o sujeito moderno atravessa e vai sendo moldado para ter como resultado a sua individualidade. Elias descreve que as ações individuais estão ligadas a uma configuração social e que é preciso avaliar todos os elementos que constituem a sociedade. Elementos que estão ligados a condição biológica e às condições culturais, para então desvendar as configurações que estão envolvidas nesta teia de situações.

Para ele, [Elias] o caráter que a individualidade assume na modernidade é resultante desse longo processo, em que os indivíduos passam a exercer um crescente controle sobre si mesmos, atuando independentemente de agentes externos, por meio da internalização de normas sociais e padrões de comportamento na direção de uma autorregulação dos impulsos e instintos. (ALVES; MACIEL, 2017, p. 275).

Desta maneira, para se compreender o crescente individualismo na era moderna e como ele é construído, torna-se necessário levantar questionamentos sobre quais tipos de relações foram utilizadas em seu desenvolvimento e também os ambientes vividos por estes.

As relações de pertencimento, seja familiar ou institucional, assim como os espaços por ele ocupado, possuem um enorme peso na vida dos indivíduos. Construções estas que vem sendo desenvolvidas desde as primeiras manifestações culturais nos ambientes familiares e que, no sujeito são percebidos como traços individuais de sua personalidade. Por isso Norbert Elias “destaca a importância das relações para a própria composição do indivíduo, devido à sua dependência natural do convívio com outras pessoas” (ALVES; MACIEL, 2017, p. 266).

2 A escola e seus processos individualizadores

No capítulo anterior procuramos fazer uma abordagem mais ampla de alguns elementos que, a partir das profundas transformações sociais ocorridas nos últimos séculos, se tornaram fundamentais na construção da individualidade do sujeito moderno. Estas transformações alcançaram tal abrangência que hoje exercem influência em todo o mundo. Os padrões que através destas mudanças foram estabelecidos, hoje podem ser transmitidos como padrões de convivência do sujeito moderno, perpetuando características que, como visto anteriormente, requerem dos indivíduos uma postura cada vez mais voltada para si mesmo, ainda que esteja cada vez mais envolvidos em laços sociais.

A partir deste capítulo iremos abordar como os elementos de mudanças nos padrões culturais, econômicos e as transformações nas configurações espaciais, que ocorreram ao longo dos últimos séculos, estão presentes no ambiente escolar. Vamos observar como eles refletem no processo educacional, bem como estes aspectos dentro do contexto escolar, parecem favorecer na construção destes sujeitos que se tornam cada vez mais individualistas.

2.1 ...observando as estruturas ideológicas

A discussão sobre a construção da individualidade do sujeito moderno sempre foi o alvo de grandes debates, gerando pesquisas que procuram desenvolver um melhor entendimento sobre a construção de um individualismo no sujeito moderno em contraste com suas relações no convívio social.

A noção da liberdade individual e as direções das ações das escolhas que são realizadas por estes atores sociais, tem se tornado o foco de vários estudos, com o objetivo de tentar esclarecer até que ponto estas escolhas são de fato livres ou seriam a reprodução de valores que, parecem ser mantidos e controlados por uma parte dominante da sociedade. E neste sentido, o ambiente escolar se torna o responsável pela aplicação destes valores que irão capacitar seus alunos para serem encaixados nos diversos ambientes do convívio social.

Mudam-se as técnicas educativas e escolares para atender a uma sociedade disciplinar que tende a reprimir, controlar e inserir o indivíduo em sistemas de controle cada vez mais pertencentes à ideologia e à burocracia do governo, seja ele laico ou religioso-eclesiástico. (TRINDADE, MENEZES, 2009, p. 125).

O que procuramos destacar é que a escola moderna possui um papel fundamental na construção destas escolhas, por ser ela a instituição que faz esta ponte entre o núcleo familiar e os demais grupos de participação social. (SILVA, 2009).

Dentro destes contextos familiares, escolares, religiosos e demais grupos sociais, percebemos como os padrões educacionais que são praticados nas instituições escolares, estão incorporados nesta teia de relações que atuarão na formação das características individualistas do sujeito moderno. Estes indivíduos, através da escola irão adquirir conceitos que, somado às suas construções internas já anteriormente adquiridas, contribuirão para formação de um indivíduo moldado aos padrões sociais existentes, e assim se amoldar nos diversos grupos sociais. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002). Devido ao papel fundamental exercido pela instituição educacional é que procuramos destacar como a escola desenvolve seu papel social, sendo ela um dos principais instrumentos de formação da sociedade atual e como neste processo, ela pode favorecer o desenvolvimento do individualismo.

A escola moderna tem se firmado como a principal instituição de formação dos indivíduos fora do seio familiar. Esta escola moderna possui um formato que iniciou como o modelo de formação das elites aristocráticas e estendeu-se até a burguesia, com todas as suas estruturas de controle. Porém, sustentando essa mesma ideologia de manutenção das desigualdades. Como escreveu Trindade e Menezes no texto *A educação na modernidade e a modernização da escola no Brasil*:

O modelo de formação intelectual e cultural elaborado pela sociedade moderna, nos séculos XVI e XVII, dá origem ao nascimento da escola moderna, racionalizada na estrutura e nos programas, e valorizada na sua função civil. O homem civil, bem educado, torna-se o modelo de conformação social da aristocracia. Depois, este modelo se estende para os grupos burgueses e, por fim, à sociedade, excetuando-se o povo. (TRINDADE, MENEZES, 2009, p. 127).

Ao acompanharmos a história do desenvolvimento da escola observamos que, nas diferentes épocas e mesmo na modernidade, a educação escolar busca reproduzir os valores que a sociedade entende como sendo necessários àquele período, determinando qual tipo de conhecimento dever ser priorizado para aqueles que serão a geração seguinte (PLAISANCE, 2004). Tendo como objetivo “controlar e inserir o indivíduo em sistemas de controle cada vez mais pertencentes à ideologia e à burocracia do governo” (TRINDADE, MENEZES, 2009, p. 125).

A escola como a temos hoje, teve a base de seu formato nos modelos da educação jesuíta (VARELA, ALVAREZ-URIA, 1992). Durante o período de ascensão do Desenvolvimento Industrial firmou-se também sob as bases do Iluminismo e do Protestantismo, buscando desenvolver-se na sociedade moderna, tendo seu currículo centrado no Humanismo. (ARRIADA, NOGUEIRA; VAHL, 2012). Todos estes elementos se fazem presentes na escola e juntos constituem a base da estrutura educacional moderna.

O que percebemos atualmente é que, por mais que o conhecimento científico fundamente o conteúdo a ser ensinado nas salas de aula, os fundamentos da fé cristã parecem sempre estar presentes de forma expressiva no interior das escolas sendo elas laicas ou confessionais. Constantemente tem surgido debates sobre até onde vai a influência religiosa ante ao conhecimento científico e qual base seria o fundamento dos conteúdos a serem passados aos alunos, bem como discussões sobre como se deve ensinar religião na sala de aula. Mas o que podemos afirmar é que toda estrutura educacional foi construída sobre alguns fundamentos, onde juntamente com a ciência, a organização política e a religião cristã, seja ela católica ou protestante, também tem um papel de grande importância, pois:

Quando se estuda historicamente a maneira como os sistemas de educação se formaram e se desenvolveram, percebe-se que eles sempre dependeram da religião, da organização política, do grau de desenvolvimento das ciências do Estado da indústria, etc. (DURKHEIM, 2011, p. 26)

É neste ambiente de disputa pela “alma” dos alunos que percebemos como o pensamento individualista, que tem um dos seus fundamentos nas tradições da fé cristã, e que foram passadas ao longo dos últimos séculos, favorecem para o desenvolvimento de sujeitos mais individualistas, pois essa fé muitas vezes transmitida nas escolas modernas traz o sujeito para o mundo dentro de si e isso reflete em todos os aspectos da vida cotidiana. Como vemos nos escritos de Durkheim:

Estes elementos comuns de toda educação não deixam de existir mesmo quando não se manifestam em forma de símbolos religiosos. Ao longo da nossa história, constituiu-se todo um conjunto de ideias sobre a natureza humana, a importância respectiva de nossas diferentes faculdades, o direito e o dever, a sociedade, o indivíduo, o progresso, a ciência, a arte, etc., ideias que se encontram na própria base do nosso espírito nacional; toda educação, tanto a do rico quanto a do pobre, tanto a que conduz as profissões liberais quanta a que

prepara para as funções industriais, tem como objetivo fixá-las nas consciências. (Durkheim. 2011, p. 52)

E como vimos no capítulo anterior, a influência das práticas religiosas não perderam sua força na modernidade, porém possuem uma influência importantíssima na construção da individualidade, pois

A Reforma protestante produziu um completo rompimento com a visão hierárquica do mundo cristão, entre um indivíduo que se compreendia fora do mundo e o próprio mundo, e o protestantismo ascético, em particular, do calvinismo, que pôs em movimento um espírito individualista que agora se percebe dentro do mundo moderno. (VIEIRA, 2013, p. 122).

A escola procura levar o aluno a reconhecer as normas sociais, que são impessoais. A conhecer as regras, modelos e caminhos que ele deverá seguir no curso de sua vida. Por isso é que ela se tornou uma das principais, talvez até a principal instituição da sociedade moderna, pois é responsável pela reprodução dos valores sociais atuais que precisam ser passados às próximas gerações, procurando manter sempre os mesmos formatos, valores, crenças e posições sociais. A reprodução e a legitimação destes valores refletem a cultura das classes dominantes e:

a escola cumpriria, assim, portanto, simultaneamente, sua função de reprodução e de legitimação das desigualdades sociais. A reprodução seria garantida pelo simples fato de que os alunos que dominam, por sua origem, os códigos necessários à decodificação e assimilação da cultura escolar e que, em função disso, tenderiam a alcançar o sucesso escolar, seriam aqueles pertencentes às classes dominantes. A legitimação das desigualdades sociais ocorreria, por sua vez, indiretamente, pela negação do privilégio cultural dissimuladamente oferecido aos filhos das classes dominantes. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 30)

Porém, mesmo que a escola esteja voltada a reprodução e legitimação dos valores sociais, sua abrangência na formação dos alunos envolve todos os aspectos da vida social e, por mais que a escola moderna, principalmente a escola das classes baixas pareça estar limitada a ensinar somente técnicas laborais para ocupação das vagas no mercado de trabalho, ela estará sempre participando de forma completa da formação do indivíduo que, além de uma profissão irá participar de muitos outros ambientes da vida social, pois a escola não é neutra, e mesmo que formalmente:

a escola trataria a todos de modo igual, todos assistiriam às mesmas aulas, seriam submetidos às mesmas formas de avaliação, obedeceriam às mesmas regras e, portanto, supostamente, teriam as mesmas chances. Bourdieu mostra que, na verdade, as chances são desiguais. Alguns estariam numa condição mais favorável do que outros para atenderem às exigências, muitas vezes implícitas, da escola. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002, p. 30).

Diante destas condições pré-estabelecidas de reprodução das desigualdades, a meritocracia na escola se mostra então como uma acentuada desvantagem, pois as condições apresentadas pelos alunos não são iguais. Como mencionamos anteriormente, a instituição escolar legitima e reproduz os valores sociais vigentes e assim, a meritocracia poderá se tornar ainda mais um instrumento para individualizar e isolar os sujeitos. Proporcionando um maior controle na reprodução destes valores sociais desiguais já pre-estabelecidos.

A meritocracia amplamente incentivada na escola, tem transformado cada colega de sala em um concorrente. Percebemos a partir daí o reflexo dos padrões já existentes na sociedade onde: a modificação associada ao conceito de meritocracia apresentar-se-ia estreitamente alinhada às novas lógicas vigentes nas relações de trabalho, contemporaneamente associadas à individualização, realização pessoal, demonstração de capacidade pessoal, proporcionando aumento da competição entre os indivíduos na organização. Tais imposições homogeneizantes e direcionadas ao confronto por resultados individuais apresentar-se-iam também como fonte de sofrimento e exercício de controle individual. (BEHAR, 2019, p. 251).

Segundo Behar, a aceitação desta condição de identificação e classificação dos trabalhadores tem o seu início no ambiente escolar quando, independentemente de qualquer outro fator externo à vida escolar, os alunos são incentivados a provar o seu merecimento. Isso conduz a uma condição onde:

A frustração dos jovens das camadas médias e populares diante das falsas promessas do sistema de ensino converte-se em uma evidência a mais que corrobora as novas teses propostas por Bourdieu. Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2006, p. 15).

Um outro fator observado é o momento de inserir a criança na escola, que tem sido cada vez mais precoce. Momento este que também marca uma ruptura com diversos ambientes familiares e de vizinhança. A partir de então, a organização dos

tempos entre e a escola e fora dela estará condicionando a um tempo maior de convivência com especialistas de educação com vista ao desenvolvimento precoce das habilidades a serem adquiridas, em detrimento do tempo de convívio com familiares, vizinhos e outros ambientes sociais fora da escola. (MOLLO-BOUVIER, 2005).

Semelhante às rotinas diárias dos mosteiros católicos, que foi um dos berços das escolas modernas, o tempo passado no ambiente escolar também possui características marcantes, pois passa a ser totalmente controlado, supervisionado, direcionável, vinculado às idades biológicas pré-determinadas. Semelhante à igreja, a escola assume o papel de controladora do tempo de todos os agentes escolares. Professores, alunos e todos os outros que compõem os diversos ambientes que circundam a escola, precisam se habituar a normatização dos horários e das atividades determinados pela instituição. Controle este que, procura construir nos alunos um padrão de rigidez disciplinar, moldando-o desde cedo a um padrão de disciplina pessoal individual.

O ensino e a aprendizagem do controle do tempo estão intimamente vinculados à construção das idades sociais, em especial, das crianças e dos jovens. As representações e as práticas dos jovens se prendem a uma raiz histórica – a modernidade – que se expressa na justificação e legitimidade da vigilância e na supervisão dos tempos e dos ritmos. (ARRIADA, NOGUEIRA; VAHL, 2012, p. 41)

A naturalização do controle do tempo é de tal forma absorvida pelos alunos e professores que, durante a maior parte do período que se aplica a vida escolar, a necessidade de cumprir os objetivos instituídos ocupa de tal forma o tempo, que todos podem estar juntos por um longo período, porém não estarão conectados, isso porque:

A forma como a escola se organiza, como divide os tempos e espaços, pouco leva em conta a realidade e os anseios dos alunos. Há aí um deslocamento: a escola parece se organizar para si mesma, como se a instituição em si tivesse algum sentido.” (DAYRELL, 1996, p. 25).

Uma vez que estes alunos, não encontrem no ambiente escolar um tempo específico ou suficiente para se conectarem, sem sofrer com as cobranças constantemente exigidas, situações de distanciamento e isolamento seriam mais propícios pois, até o tempo que deveria ser ocioso, livre para qualquer tipo de

espontaneidade é um tempo programado, previamente calculado, onde até “a reivindicação pelo direito de nada fazer ainda deixa os animadores de lazer desarmados e inquietos.” (MOLLO-BOUVIER, 2005, p. 399).

Ainda que o controle do tempo, que sempre esteve presente mesmo em épocas anteriores, regidos pelo plantio ou pelos astros, não pareça ser um fator determinante na construção do individualismo, na sociedade moderna e consecutivamente dentro dos espaços escolares, tem se tornando um elemento de isolamento, pois a ideologia moderna aplicada à educação escolar exalta a necessidade de se ter resultados avaliativos nos tempos pré-determinados. Um tempo no ambiente escolar, que poderia se tornar em momentos de socialização e conhecimento do outro, necessita ser minuciosamente controlado, de forma ascética, pela necessidade da obtenção de resultados positivos em tempo hábil.

A educação moderna tem a tendência de preparar os alunos para o mercado de trabalho, e do outro lado, o mercado de trabalho requer que seus integrantes estejam sempre se atualizando. O indivíduo precisa estar constantemente se reciclando, se informando e se reinventando. A valorização do capital escolar exige um currículo cada vez mais diferenciado. Possuir muitos diplomas e certificados parece ser a única maneira de conseguir avançar nesta busca por uma qualificação tão individualizada.

Ao sublinhar que a cultura escolar está intimamente associada à cultura dominante, a teoria de Bourdieu abre caminho para uma análise crítica do currículo, dos métodos pedagógicos e da avaliação escolar.

Os conteúdos curriculares seriam selecionados em função dos conhecimentos, dos valores e dos interesses das classes dominantes e, portanto, não poderiam ser entendidos fora do sistema mais vasto das diferenciações sociais. O próprio prestígio de cada disciplina acadêmica estaria associado à sua maior ou menor afinidade com as habilidades valorizadas pela elite cultural. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2006, p. 89).

A quantidade de diplomas que são buscados como metas de desenvolvimento podem também, segundo Bourdieu, levar a uma condição onde haja uma inflação de títulos afetando diversos campos simbólicos que podem ir desde o mercado de trabalho até o matrimonial ou familiar. Esse retorno como capital cultural está ligado à quantidade de oferta, e “quanto mais fácil o acesso a um título escolar, maior a tendência a sua desvalorização” (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002, p. 23).

Percebemos então que na busca por uma maior qualificação, pelo aumento do capital escolar e por mais títulos, há uma dedicação exclusiva e individual do aluno, que o leva a uma busca intensa por isolar-se dos demais para alcançar uma maior qualificação, uma diferenciação.

Concretamente, isso significa que os membros de cada grupo social tenderão a fazer projetos, mais ou menos ambiciosos e a investir uma parcela maior ou menor dos seus esforços -medidos em termos de tempo, energia e recursos financeiros, na carreira escolar dos seus filhos conforme percebam serem maiores ou menores as probabilidades de êxito. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002, p. 64)

Como resultado teremos um sujeito que não seja questionador quanto as divisões de classes existentes, antes a sua busca estará voltada a uma qualificação que o posicione no mercado de trabalho e se sinta completamente encaixado nos modelos que lhe foram dados como opção de vida.

Toda a construção do capital escolar parece estar influenciada por este sentido de reprodução das dominações existentes e, “por serem reconhecidos como superiores (por suas qualidades intrínsecas), esses conteúdos passaram a ser socialmente valorizados e foram apropriados pelas camadas dominantes” (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002, p. 64).

Por outro lado, em suas práticas diárias os professores convivem com uma luta que, mesmo estando tão próximos dos alunos diariamente, precisam manter um distanciamento técnico, buscando orientar nos alunos unicamente o desenvolvimento de suas potencialidades profissionais, tendo sempre sobre seus ombros as pressões do que os pais buscam para os filhos, que a escola busca e que a sociedade impõe como sendo o único caminho que seus alunos podem seguir. Caminho onde todos precisam ser excepcionais individualmente.

As avaliações se apresentam como ponto final deste processo, elas não somente julgam o conteúdo que está sendo aplicado durante o processo escolar, como também constroem no aluno uma personalidade específica, única, de natureza individualizante (VARELA, 1992).

A pedagogia predominante na escola moderna tem se concentrado nos processos avaliativos. Este tem sido o objetivo principal da formação escolar atual, trazer a distinção entre bons e maus alunos, rebeldes e obedientes, aqueles que estão abaixo, no meio ou acima da média escolar, servindo como mecanismo de julgamento

social (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2006). Todas as construções das práticas pedagógicas aplicadas no ambiente escolar parecem ser coordenadas no sentido de preparar, classificar, separar os alunos, selecionar, para apresentá-lo como um indivíduo capacitado a exercer uma função na sociedade. Segundo Bourdieu, este processo se torna desigual pois:

A posse de capital cultural favoreceria o êxito escolar, porque propiciaria um melhor desempenho nos processos formais e informais de avaliação. Bourdieu observa que a avaliação escolar vai muito além de uma simples verificação de aprendizagem, incluindo um verdadeiro julgamento cultural e até mesmo moral dos alunos. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2006, p. 89).

As avaliações produzem números, estes por sua vez trazem resultados que, transformados em certificados e diplomas, transmitem para a vida em sociedade a informação de que o indivíduo estaria ou não capacitado para exercer sua função social, ou apto a ocupar uma vaga no mercado de trabalho.

Cobra-se que os alunos tenham um estilo elegante de falar, de escrever e até mesmo de se comportar; que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados; que saibam cumprir adequadamente as regras da “boa educação”. Essas exigências só podem ser plenamente atendidas por quem foi previamente (na família) socializado nesses mesmos valores. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002, p. 21)

A partir de então percebemos como o processo educacional, que tem como resultado final as avaliações individuais, classificam estes alunos gerando desde cedo o sentido de concorrência onde, mesmo estando todos na mesma sala, cada um tem que lutar por sua aprovação individual e assim, na constituição destes novos membros cada vez mais classifica, separa, seleciona, distingue e individualiza os sujeitos por ela formados.

O que procuramos salientar neste subtítulo é que, a estrutura ideológica na qual a escola está fundamentada e especificamente nos elementos descritos como: a pressão pela manutenção das estruturas sociais, a influência, direta ou indireta advinda da cultura cristã dominante, as necessidades de ascensão resultantes das divisões de classes sociais existentes na sociedade moderna, a necessidade de mensurar o tempo para evitar sua perda com distrações, a cultura da meritocracia que estimula a competição entre os alunos, as avaliações que além de classificar ainda mais os sujeitos também desenvolvem uma valorização do capital escolar, tornando

a simples obtenção dos diplomas o alvo a ser alcançado, são elementos que, juntos vão causando lentamente em cada aluno uma condição de busca individual por resultados, tornando em certa medida um sujeito individualista, ainda que esteja fortemente ligado por laços sociais.

Isoladamente analisados, percebemos que estes elementos acima citados podem contribuir na formação de um indivíduo mais forte, independente e capacitado para o mundo, assim como para o conhecimento de si mesmo, porém, somados e sendo constantemente cobrados, tenderão a formar sujeitos mais isolados em si mesmo.

2.2...observando as estruturas economicas.

Em relação as estruturas econômicas, que percebemos no capítulo anterior é que, existe uma pressão social voltada a preencher os melhores espaços no mercado de trabalho, a alcançar um espaço de distinção social, alcançar uma ascensão para uma classe social economicamente mais elevada. Esta pressão é repassada para a escola que devido ideologia da meritocracia, traz consigo a necessidade de se antecipar ante a “corrida pelo sucesso”. Sendo assim, a cada dia observamos uma iniciação cada vez mais precoce destas crianças na escola (MOLLO-BOUVIER, 2005). Sabemos que pela constituição do Brasil, cada criança é obrigada a estar na escola a partir dos 6 anos, no entanto observamos que os pais tem procurado colocar seus filhos na escola a partir dos 03 anos ou até mesmo mais cedo, adaptando-os em salas de aula maternas.

Muitas vezes por causa do horário de trabalho dos pais, ou mesmo por uma escolha voluntária deles, muitos já estão inseridos nas creches antes mesmo de completar um ano. Alguns chegam a passar o dia inteiro, deixando por conta de professores e babás o desenvolvimento de relações afetivas que, antes seriam obtidos exclusivamente no seio familiar. Um ponto a ser questionado é até onde essa iniciação precoce exerce influência na socialização ou se ela antecipa características de individualização decorrente dessa antecipação das pressões por resultados.

Como descreveu Eric Plaisage em *Para uma sociologia da pequena infância*:

Na linguagem comum da prática da educação de crianças jovens, a socialização é antes de tudo uma inclusão na sociedade, um afastamento da família que visa à experiência de outras organizações sociais. Nas ciências humanas e sociais, esse conceito tem um

sentido mais extenso. Quer seja em psicologia ou em sociologia, a primeira socialização da criança é circunscrita ao âmago da família e as socializações secundárias podem dizer respeito à escola, ao meio de trabalho etc. A socialização designa então o processo geral que abrange toda a vida humana, ou seja, que constitui os seres humanos como seres sociais. (PLAISANCE, 2004, p. 224).

Neste processo civilizador onde a escola exerce forte contribuição, a busca por um lugar de distinção social gera a necessidade de uma diferenciação individualizada e se utiliza dos meios educacionais como uma das formas desta distinção. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2006). O mais cedo possível procuram iniciar a busca pela conquista de posições sociais mais elevadas, que estão ligados à condição pessoal de dignidade. Isso ocorre principalmente em um país como o Brasil, onde as desigualdades de condições são tão evidentes fora e dentro das escolas, tanto nas públicas quanto nas particulares.

É nesse contexto, que vemos um dos grandes desafios postos à educação na contemporaneidade, o processo de escolarização enquanto forma de distinção social, de fuga das misérias e das desigualdades sociais.” (SILVA, 2009, p. 03).

A necessidade de sobressair sobre os demais tem sido colocada como uma das mais importantes, se não a principal meta a ser alcançada pelos alunos. Porém cada indivíduo traz em si uma “bagagem socialmente herdada” (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2006, p. 59) que pode ser utilizada não somente para o sucesso escolar, mas também na construção de sua vida social, bem como de sua individualidade.

Para os alunos que possuem condições herdadas que muitas vezes são considerados inferiores em relação aos demais alunos, alunos que não são provenientes das classes sociais dominantes, apresentam a necessidade de um maior esforço para obtenção de uma distinção ou mesmo a ascensão no ambiente escolar. Segundo descrito por Bourdieu, percebe-se então que:

Suas condições de existência condicionam, assim, um estilo de vida marcado pelas pressões materiais e pelas urgências temporais, o que inibe a constituição de disposições de distanciamento ou de desenvoltura em relação ao mundo e aos outros. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2006, p. 70)

Para estes alunos com capital cultural diferente das classes dominantes, parece ser necessário que demandem um esforço maior aplicado à vida escolar, para minimizar as diferenças anteriormente estabelecidas (NOGUEIRA, NOGUEIRA,

2006). Neste contexto, evitar o envolvimento com situações que possam ser consideradas desnecessárias, como encontros, festas e passeios, são revertidos em um maior tempo para estudar, para que assim, de alguma forma possam alcançar um destaque ou mesmo um equilíbrio ante os mais afortunados.

Nos parágrafos anteriores procuramos destacar como a sociedade moderna, buscando suprir a demanda de mercado se utiliza da escola como ferramenta para manutenção dos padrões sociais vigentes. Bem como as necessidades econômicas influenciam na direção das práticas escolares, concentrando-se no desenvolvimento de profissionais cada vez mais capacitados tecnicamente, que se dedicam em ser hábil em determinada profissão. Questionamos a partir de então até onde a prática escolar, direcionada no intuito de suprir as demandas do mercado, não estariam favorecendo o desenvolvimento de sujeitos mais individualistas.

Queremos ressaltar também que, semelhante ao que acontecia no período de início do desenvolvimento do capitalismo onde, o ascetismo religioso favoreceu o desenvolvimento do espírito capitalista (WEBER, 2007), a necessidade de ascensão atualmente reflete nos alunos em uma forma de ascetismo que:

propensas à poupança bem como a todos os tipos de entesouramento renunciam aos prazeres imediatos em benefício de seu projeto de futuro. Por serem pouco providas das diferentes espécies de capital (econômico, cultural ou social), necessitam, para realizar sua trajetória ascensional, constituir uma "acumulação inicial" e, para isso, fazem uso de recursos morais (na forma de privações, renúncias, sacrifícios) como meio de compensação. Essa disposição pode ser claramente ilustrada pelos sacrifícios (renúncia à compra de bens de luxo, redução de gastos com passeios, etc.) que essas famílias realizam para garantir boa escolarização da prole. Esse ascetismo se traduziria, ainda em termos da forma de educar os filhos num "rigorismo ascético", numa valorização da disciplina e do autocontrole, e na exigência de uma dedicação contínua e intensiva aos estudos. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2006, p. 77)

Esse ascetismo na escola se apresenta: primeiramente através dos pais pelo esforço para manter os filhos em escolas particulares, mesmo que sejam nas periferias; em segundo na compra dos livros e demais materiais escolares; em terceiro, nas diversas atividades promovidas nas escolas, e que são pagas. Todas estas atividades requerem destes pais um desprendimento de lazer ou de outros investimentos, para possibilitar que seus filhos não fiquem para trás nesta concorrência pelo sucesso profissional.

Ao voltar nosso olhar para dentro da escola, procuramos observar como ela favorece e incentiva diversas situações de ascetismo, bem como estas direções corroboram no favorecimento do desenvolvimento do individualismo.

Para os alunos resta então executar todas as diretrizes que, pressionados pelo esforço dos pais e conduzidos pelas diretrizes escolares, vivenciam nestes ambientes bem mais o desenvolvimento das capacidades pessoais individualizantes, com o acúmulo de conhecimento, do que a busca por uma devida interação social ou o desenvolvimento de um sujeito socialmente participativo nas variadas situações que lhe serão apresentadas durante a vida.

A evidência da utilização da instituição escolar somente como provedora das ferramentas para o mercado de trabalho, reduz a proporcionalidade da abrangência de suas atribuições como ferramenta de socialização fora do ambiente familiar. A sua utilização somente como forma de alcançar a distinção econômica, a obtenção de uma carreira se sucesso, a imposição de um capital cultural estruturado nos moldes econômicos e o ascetismo proveniente da necessidade de acumular conhecimento para ter mais ganhos, são fatores que moldam os alunos de forma a se adequarem, de forma alienada à uma profissão, tornando-se sujeitos que poderiam ser comparados a atrofia dos trabalhadores das fabricas, descrito por Karl Marx e comentado no primeiro capítulo.

2.3 ... observando a organização e infraestrutura

Ao chegar à escola, desde cedo o aluno se depara com um ambiente extremamente diferente do ambiente familiar e mesmo nos espaços escolares ditos maternos, será necessário lidar com diversas situações de conflito geradas por estas diferenças. (PLAISANCE, 2004). A partir de então este aluno irá se utilizar das estruturas construídas no ambiente familiar para agir nas situações que lhe forem propostas. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002). Os sistemas simbólicos já estruturados em confronto com as necessidades objetivas exigidas na escola, desenvolverão nestes novos alunos estratégias que “criam uma trama própria de inter-relações, fazendo da escola um processo permanente de construção social” (DAYRELL, 1996, p. 23).

Como foi descrito no primeiro capítulo a sociedade passou por profundas transformações culturais que impactaram na ocupação dos espaços físicos. Um novo

mundo se desenhou e continua sendo desenhado. Torna-se então necessário ao sujeito entender estes ambientes a sua volta e descobrir os espaços a serem ocupados. Dessa maneira a escola se apresenta como um ambiente de passagem, um espaço de adequação entre a vida familiar e a vida social. Por ser este ambiente mediador, possui características de ambos, criando espaços de socialização que não serão encontrados em nenhum outro ambiente social e como descrito por Antônio Cândido:

Como grupo diferenciado, a escola possui vida própria, cujas leis escapam em parte à superordenação prevista pela sociedade. Ela é uma unidade social, determinando tipos específicos de comportamento, definindo posições e papéis, propiciando formas de associações. (CÂNDIDO, 1978, p. 12).

A escola tem o papel de executar a transmissão dos valores sociais das gerações adultas sobre as próximas gerações (PLAISANCE, 2004). Esse encontro entre gerações, mesmo sendo um ambiente propenso a gerar conflitos, desenvolve em si características únicas, que precisam ser levados em conta.

Nos espaços escolares, tanto alunos como professores constroem novos significados, toda a arquitetura escolar gera um ambiente onde se desenvolve um variado conjunto de relações pedagógicas (DAYRELL, 1996). Estes ambientes podem favorecer as avaliações de desempenho individual, favorecer no acompanhamento do tempo do desenvolvimento escolar de cada aluno, como podem favorecer na construção de um individualismo mais acentuado.

Ao analisar o processo de desenvolvimento do ambiente escolar comparando-o com o Antigo Regime, Julia Varela observa que:

Pouco a pouco espaço escolar projetado e completo, minuciosamente organizado pela Companhia de Jesus, tornou-se um espaço homogêneo e hierárquico que pouco tinha a ver com o espaço condicionado por outras instituições educacionais do Antigo Regime, no qual algumas coexistem justapostas alunos próximos a outros sob o olhar de um único professor. (VARELA, 1992, p. 13). Tradução livre.

Esta homogeneidade e a separação hierárquica autoritária presentes na sala de aula das escolas modernas, podem se tornar fatores determinantes no desenvolvimento de personalidades individualistas pois, mesmo estando todos juntos, a interação nestes ambientes é totalmente controlada, visando um aproveitamento cada vez mais individual.

Destacamos também que toda a arquitetura, que é representada por espaços físicos em sala de aula e nas demais dependências escolares, não são neutras, ou seja, todos os aspectos do ambiente escolar de alguma forma terão influência no processo de formação moral, social, profissional e emocional dos alunos. (DAYRELL, 1996). Tudo que é organizado para recepção destes alunos, principalmente nos primeiros anos, exige uma racionalização de espaços onde cada elemento interfere na construção do sujeito ali colocado pra ser devidamente educado.

Julia Varela descreve como a obra de Maria Montessori procurou adaptar todo ambiente escolar, onde:

Construir um mundo adaptado ao aluno implica uma mudança radical na organização da classe agora concebida como extensão do corpo infantil, como um espaço proporcional às suas necessidades de observação e experimentação: aulas claras e luminoso, com móveis pequenos e vários formatos: mesinhas, pequenas cadeiras, poltronas pequenas, armários fáceis de abrir, pias minúsculas e fáceis de usar, acessos, enfim, móveis leves, simples e transportáveis. Assim um todo mundo "em miniatura" que rompe com a rígida organização do espaço disciplinar em que o estrado era o símbolo da autoridade e poder do professor. (VARELA, 1992. p. 21). Tradução livre.

A escola com todas as suas características, que vão desde o seu tamanho, modelo das salas, o fardamento, o espaço de lazer, a quantidade de alunos em uma mesma sala, se o aluno vai andando sozinho ou de transporte escolar, é um novo campo que representa para a criança um mundo de novidades. Novas experiências, novos relacionamentos, novos ambientes e situações que vão sendo acrescentados em seu processo de formação.

Sendo assim, toda arquitetura da escola, desde o quadro negro, verde ou branco, o pátio, até o lugar no bairro onde a escola foi construída, influencia na formação dos alunos. Suas memórias, suas vivências, as histórias a serem contadas, as dificuldades, necessidades e até mesmo as regalias que alguns tem durante o período escolar, são elementos que contribuirão para formação do sujeito. Todo “o espaço escolar, rigidamente ordenado e regulamentado, tentará inculcar-lhes valores, padrões, normas de comportamento” (ARRIADA, NOGUEIRA; VAHL, 2012, p. 51).

A rotina que acompanha a criança desde o momento em que ela é levada a escola, todos os atores que participam da vida escolar e toda ambientação que ela oferece, são bagagens que se tornam determinantes no processo de construção desse indivíduo. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2006).

O que procuramos observar é como no início, principalmente quando há a inserção desta criança precocemente no ambiente escolar, há toda uma preparação voltada para socialização, recepção afetiva, salas bastante decoradas, ambiente espaçoso, sem cadeiras enfileiradas, professores que se sentam no chão, incentivo a socialização com outros colegas de sala, um ambiente maternal, mais leve, porém totalmente controlável, onde:

O conjunto dessas atividades recebe, portanto, a denominação de “rituais”, pois se trata mesmo de condutas codificadas, de atividades de ruptura que introduzem uma mudança e um simbolismo cultural. (PLAISANCE, 2004, p. 235).

Como descrito na citação anterior é construído todo um ritual, procurando despertar na criança uma socialização com o mundo a sua volta. Mundo este, que é totalmente diferente do ambiente familiar e que aos poucos vai sendo controlado e direcionado, com todas as imposições necessárias para construção do “ser social” (PLAISANCE, 2004, p. 224).

Na medida que o tempo vai passando e as classes escolares vão avançando, estes ambientes vão sendo transformados, começando pela retirada das mesas adaptadas, posteriormente pelo posicionamento das carteiras escolares, que passam a ficar enfileiradas, ocupando os professores, uma posição de destaque à frente das carteiras. O disciplinamento fica mais rígido, o processo de avaliação se torna mais exigente e individualizado. Destacamos aqui entre estes itens, o papel fundamental destas carteiras escolares, como um dos elementos mais individualizantes no ambiente escolar moderno. Pois desde o início dos modelos escolares modernos, se tem a ideia dominante de que:

do ponto de vista pedagógico, as carteiras individuais são consideradas as mais aptas para as escolas. Elas possibilitavam uma maior distância entre os alunos, coibindo, dessa forma, bagunças e desordens. Isolava os corpos, em razão de normas de boa conduta, garantindo a disciplina, o estudo, e a melhor vigilância por parte do professor. (ARRIADA, NOGUEIRA; VAHL, 2012, p. 44)

A aplicação da carteira escolar nas salas de aula possui um grande destaque e pode ser para os alunos um dos mais importantes símbolos de individualização, pois:

a invenção da carteira em frente ao banco supõe uma distância física e simbólica entre os alunos e o grupo, e, portanto, uma vitória sobre a indisciplina. Este artefato destinado ao isolamento, imobilidade corporal, rigidez e máxima individualização permitirá a emergência de técnicas complementares destinadas a multiplicar a submissão do aluno. (VARELA, ALVAREZ-URIA, 1992, p. 24).

Voltemos agora o nosso olhar agora para a sala de aula. Ela é o ambiente onde os alunos passam a maior parte da vida escolar. Espaço este que, além de promover o conhecimento necessário para formação acadêmica, também pode favorecer uma maior interação entre os alunos, entre os professores e os demais participantes da vida escolar.

Mas, ela pode representar um ambiente de controle individual pois:

Na presença constante do professor, sob o seu olhar, sob o seu controle, pouco resta aos alunos. Nesse espaço, uma relação permeada de disciplina, a distribuição do tempo é medida, as atividades escolares são executadas com uma regularidade assustadora e em etapas bem-delimitadas". (ARRAIADA, NOGUEIRA, VAHL, 2012, p. 53)

Isso não quer dizer que os outros espaços não sejam importantes nesse processo de construção do sujeito e até mesmo na sua socialização. Pátio, corredores, ginásio, escadaria, banheiros, porta de entrada e até o transporte escolar, todos estes lugares tem sua influência na construção das experiências vividas pelos estudantes. (DAYRELL, 1996). Mas é na sala de aula que, mesmo com tanto controle e disciplinamento, se dá o momento de reflexão. O momento de associar o conteúdo apresentado ao ambiente que estão vivenciando, é o espaço central do propósito da instituição escolar.

As aulas constituem a finalidade principal da escola. São talvez a espinha dorsal da sua organização e o ponto de encontro mais característico entre a sociabilidade do imaturo e a ordenação racional do legislador, professores e alunos, em sala de aula, ou de estudo, constituem o agrupamento por excelência em que se veem refletir todos os demais. (CANDIDO, 1978, pag. 119).

Na sala de aula se concentra o momento do encontro do aprendiz e seu mestre, encontro entre as exigências da sociedade e o sujeito a ser moldado.

O que procuramos identificar neste subtítulo é como na escola moderna toda construção do ambiente e da arquitetura escolar podem proporcionar que os sujeitos,

no decorrer da vida escolar, se tornem mais individualistas. Como descrevemos anteriormente e citando o que foi escrito por Juarez T. Dayrell:

A arquitetura e a ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma da construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais, que expressam uma expectativa de comportamento dos seus usuários. Nesse sentido, a arquitetura escolar interfere na forma da circulação das pessoas, na definição das funções para cada local. Salas, corredores, cantina, pátio, sala dos professores, cada um destes locais tem uma função definida "a priori". O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa. (DAYRELL, 1996, p. 12).

Dentre todos os elementos citados neste segundo capítulo, as representações do ambiente e as representações arquitetônicas tem sido as que mais chamaram a nossa atenção como elementos que possam favorecer na construção de sujeitos mais individualistas pois, mesmos estando todos uniformemente juntos, todo o direcionamento destes ambientes vai se tornando série a série, voltados para construção de capacidades individuais profissionais.

A forma como os ambientes vão sendo alterados no evoluir das séries escolares, desde um ambiente propício a socialização do infante até a rigidez das carteiras enfileiradas, parecem demonstrar um direcionamento para determinada condição de isolamento que proporciona uma submissão e controle, moldando estes comportamentos de forma a corresponderem as exigências socialmente aceitas.

3 Explorando o ambiente escolar

Neste capítulo vamos descrever os resultados de uma pesquisa que foi aplicada em uma escola particular, confessional, de médio porte, da região metropolitana da cidade de Maceió. Através da observação e de entrevistas com integrantes do corpo educacional, estivemos atentos em voltar um olhar direcionado a estes elementos comentados nos capítulos anteriores, observando em que eles possam favorecer o desenvolvimento de sujeitos mais individualistas.

Fomos até ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, no conjunto residencial Eustáquio Gomes de Melo, no bairro Cidade Universitária, cidade de Maceió. Ali visitamos as dependências da escola, conversamos com a coordenadora pedagógica, observamos o ambiente escolar e também analisamos o Projeto Político Pedagógico (PPP). Levantamos as questões que procuravam fundamentar os elementos empíricos abordados nos capítulos anteriores, concernentes a construção do individualismo a partir das práticas escolares.

Em nossas observações vamos procurar descrever os elementos que foram abordados na fundamentação teórica, procurando identificar nesta escola cada um destes elementos e observar o quanto eles podem ou não favorecer ao individualismo nos alunos.

Nos relatos das entrevistas substituímos os nomes dos entrevistados por pseudônimos para preservar seus anonimatos.

Ressaltamos que as entrevistas e observações ali realizadas, procuraram identificar situações anteriores ao advento da pandemia do COVID-19, pois várias práticas de convívio social foram alteradas pelas medidas de isolamento social decretadas no ano de 2021.

3.1 ...em seus fundamentos pedagógicos e ideológicos

Durante a análise do PPP, as entrevistas e a observação do ambiente, podemos perceber como a orientação pela manutenção das estruturas sociais sempre se faz presente no ambiente escolar.

No capítulo do PPP onde se descreve a justificativa para o funcionamento da escola, está escrito em um parágrafo que:

o colégio tem como compromisso formar cidadãos aptos a suprir a necessidade básica da comunidade, onde passamos viver numa era digna e de ordem, garantindo a evolução intelectual, social e cultural. (PPP 2019 Pg. 05).

Neste mesmo capítulo também é descrito a necessidade “de integrar seus alunos à sociedade”, e também descreve que o aluno será:

beneficiado com o pensar e agir coletivamente, visto que, dessa forma sua interação junto à comunidade estará se capacitando e se desenvolvendo para permitir uma boa formação cidadã. (PPP 2019 Pg. 05).

Neste mesmo PPP é descrito que sua fundamentação pedagógica está baseada no construtivismo, processo este onde se afirma que o conhecimento é resultado da construção individual do aluno, e neste caso, o professor seria um mediador, ou uma ponte durante este processo de construção do conhecimento.

O que percebemos na prática escolar e procuramos descrever neste trabalho é que esta ponte entre o conteúdo a ser ensinado e o desenvolvimento do aluno, possui na prática, características que estão mais voltadas à manutenção das estruturas existentes, do que procurando trazer um despertar para um indivíduo consciente de si e do mundo a sua volta. E a partir de então, em algum momento, fazendo-o se fechar em si e na busca pelos resultados que constantemente lhe são cobrados.

Trazendo este elemento para a prática cotidiana da vida escolar, em entrevista com a coordenação pedagógica, destacamos sua fala em relação a cobrança exercida pelos pais quando diz que:

as vezes eles (os pais) não focam nem assim, o que o filho realmente aprendeu, o que o filho realmente assimilou. Muitas vezes querem mais a nota alta. Eles não procuram saber porque tirou a baixa, se assimilou, se não assimilou, tem muitos que cobram nota alta. Agora não quer perceber se o aluno aprendeu ou não. O importante é que atinja aquela meta. (MARIA. 2021. Pg. 06).

Percebemos assim, que mesmo os alunos estando todos juntos na escola, e por um longo período de tempo, a busca pela construção de um sujeito que simplesmente atinge as metas, reflete em um interesse pela busca de conhecimentos científicos individuais, muito mais do que o desenvolvimento de um indivíduo

consciente de si e do mundo em sua volta. A necessidade da manutenção das estruturas sociais existentes, através da escola, reflete nas possibilidades das escolhas que estes alunos poderão ter, pois até estas escolhas são limitadas pelas oportunidades que lhe são ofertadas concernentes aos resultados avaliativos, levando-o a se concentrar apenas na obtenção de um título escolar que lhe permitirá ocupar um espaço no ambiente fora da escola.

Assim, percebemos que os mecanismos de reprodução e legitimação abordados nos capítulos anteriores, exercem uma forte influência na formação destes alunos, contribuindo para que estes, em resposta às demandas estruturais apresentadas, se tornem cada vez mais voltados na busca destas capacitações, e isso pode sim, corroborar para um posicionamento cada vez mais individualista.

Queremos destacar também que, no PPP da escola, na parte em que descreve seus objetivos específicos, a escola parece demonstrar um interesse em desenvolver características nos alunos que vão além das capacidades técnicas.

Ao referir que um dos objetivos é “Procurar construir o conhecimento como um todo, tornando o aluno um ser pensante.” (PPP. 2019, pg. 06). O colégio parece demonstrar o interesse em trabalhar na construção da individualidade do aluno, além das capacidades técnicas ou laborais, procurando despertar nele aspectos que vão além da simples reprodução de valores já estruturados.

Também está escrito no capítulo XII - Marco Teórico ou Conceitual, que:

Nosso Colégio entende que a educação, é um princípio integrante da sociedade. E reflete as contradições da estrutura social. Colabora na divulgação de uma nova concepção de mundo, homem e sociedade. (PPP. 2019. Pg. 09).

Vemos então que a escola enxerga a necessidade de desenvolver no aluno uma nova concepção de mundo, ainda que, na prática, principalmente no ensino médio, a pressão por resultados nas avaliações individuais, leve estes alunos a focarem seus esforços escolares unicamente na conquista de uma aprovação para universidade ou em algum curso técnico, tornando secundários ou nulos outros interesses que possam desviar desse objetivo.

Um reflexo claro destes mecanismos de reprodução e legitimação está na ideologia da meritocracia amplamente aplicada à escola. O incentivo as conquistas pessoais no âmbito escolar é amplamente visível e até mesmo premiado.

Na escola pesquisada existem atualmente vários tipos de premiação de destaque que avaliam o mérito pessoal do aluno. Todos os anos é dado, em cada turma, o título de aluno destaque aos alunos que tiverem o melhor aproveitamento, e como relatado na entrevista:

E em relação aos alunos destaque, esse título, eles levam ao final de cada ano letivo, entendeu? Junto com os professores, a direção e coordenação, eles veem aqueles alunos que mais se destacaram com as notas e comportamento, na interação. E todo ano fica alguns alunos, assim, querendo correr atrás para também receber esse título. E eles ficam meio que competindo. Porque tem aluno que eles levam dois anos consecutivos esse mesmo título e tem muitos que correm atrás pra que eles recebam também esse mérito no final do ano. (MARIA. 2021. Pg. 19).

Também é relatado que após o nono ano, para os alunos que ingressam em um curso técnico no IFAL (Instituto Federal de Alagoas) é feita uma exibição pública, com o objetivo de incentivar os outros alunos a se aplicarem mais.

Com relação aos alunos que chegam no final do ano e passam do nono ano, que se preparam pra fazer IFAL, e que eles passam no curso, em determinado curso, a escola faz uma faixa, que coloca na frente do colégio, para que as pessoas vejam os alunos que passaram em determinado curso. E essa faixa fica durante todo ano letivo. Para que os outros alunos se sintam motivados a fazer a mesma coisa né? escolher um curso e também receber essa homenagem. (MARIA. 2021. Pg. 20).

Além destes incentivos, existem também os jogos internos, as gincanas, as feiras de conhecimento, que procuram incentivar os alunos a competirem, a se esforçarem a sobressair em relação a outros, pois todos estes eventos também passam pelo processo avaliativo, contribuindo para a nota dos alunos. Ainda que seja ressaltado pela coordenadora que, nesses eventos sempre são promovidos os objetivos de participação e cooperativismo.

Como verificamos no capítulo anterior, a meritocracia aplicada a escola traz como consequência uma corrida frenética por uma maior qualificação, pelo aumento de títulos, pelo reconhecimento do destaque em relação aos outros, exigindo muitas vezes uma dedicação exclusiva e individual, refletindo em uma avaliação pessoal, que em vários momentos, direciona o aluno a isolar-se dos demais, para alcançar uma maior qualificação, uma diferenciação, fazendo-se merecedor dessa premiação de destaque.

Acerca das avaliações que são constantemente aplicadas aos alunos, percebemos que elas são também um elemento importante, para corroborar nesse processo de individualismo. Como parte final do processo educacional, as avaliações refletem com clareza toda a coerção exercida socialmente para que os indivíduos aprendizes sejam devidamente encaixados no convívio social.

Na escola a avaliação é um processo que logo cedo é apresentado aos alunos. Como relatado na entrevista:

Eles já começam no maternal. Nos infantis eles já fazem uma avaliaçãozinha. No caso deles, não para avaliar como notas, mas só no conhecimento, agora o fundamental 1, 2 e no ensino médio, esses já fazem já para nota. Na educação infantil, não. É mais para conceito. A educação infantil é conceito. Justamente para ver como ele está. Em relação a coordenação motora, percepção. Agora já no fundamental 1, 2 e médio, já vai avaliar com nota. É a avaliação valendo nota mesmo. (MARIA. 2021. Pg. 04).

Os aspectos de tensão existentes entre os alunos referente as avaliações, na forma como ela é aplicada na escola, reflete com bastante intensidade entre eles, gerando grande apreensão durante o período de avaliações, como relatado:

eles ficam tensos. Quando passa a ser a avaliação. Quando é aula é uma coisa, quando diz assim, vai começar as avaliações, assim, mexe um pouco com eles, e ficam meio tensos, sabem que vão ser avaliados. As vezes mexe um pouquinho com eles no emocional. Muitos chegam a ficar muito nervosos. Isso os pais comentam. Isso, quando vai ter avaliação eles ficam meios tensos. Fica ansioso, bate aquela ansiedade. (MARIA. 2021. Pg. 11).

Nestes momentos de tensão o que ocorre em alguns alunos é uma busca por isolamento. O que foi relatado é que há um processo de isolamento, que alguns alunos manifestam quando antecede às avaliações. Nas palavras da entrevistada, foi referido que:

Ficam isolados. Muitas das vezes ficam, principalmente os que tem dificuldade na aprendizagem. Eles ficam muitos focados quando chega nesse período, quando chega o dia da avaliação. Eles tentam focar. (MARIA. 2021. Pg. 11).

Toda as situações que são desencadeadas nestes processos avaliativos, e que culminam em uma reprovação ou aprovação, levam os alunos a entenderem que só dependem de si mesmo para serem aprovados e aceitos, isso os leva então a se concentrar cada vez mais individualmente, para adquirir as capacidades necessárias para serem socialmente aceitos.

Na apresentação do PPP, percebemos que há um alinhamento dos objetivos do colégio, associado a uma educação fundamentada a profissão da fé católica. Nestes objetivos é relatado que:

As construí-lo, fomos levados a repensar, planejar e agir, em busca de uma estrutura harmônica e consistente com as próprias crenças, desejos e sonhos. (PPP, 2019 pg. 03).

Como foi comentado no capítulo anterior, a influência religiosa, com a promoção da individualidade fundamentada na fé cristã, possui características que, aplicadas às práticas educacionais, proporciona uma inclinação ao individualismo nestes alunos. Porque o ascetismo promovido pela fé, estaria associado a ideologia da meritocracia, também relatado nos parágrafos anteriores.

A matéria de religião é amplamente ensinada na escola. Mesmo que não haja uma reprovação e que outras religiões também sejam aceitas, ela está na grade curricular da escola, e também favorece no processo avaliativo, como relatado na entrevista:

com relação a matéria de educação religiosa, ela é passada aqui na escola desde a educação infantil até o fundamental 2, que é com o nono ano. Com o Ensino médio não. É uma matéria que a gente avalia, tanto com trabalhos, como também com às avaliações mensais e bimestrais. Só pra constar uma nota na grade curricular do aluno. Mas não reprova. A gente avalia, a gente passa alguns conteúdos, não especificando somente a religião católica, e sim, a gente abrange todas as religiões, só para que o aluno tenha no final de cada bimestre uma nota. (MARIA. 2021. Pg. 18).

Tratando-se de uma escola confessional, os elementos religiosos estão por toda parte. Desde a preparação em fila para entrar na sala e dar início as aulas, quando todos se alinham para o momento de evangelização, desde o santuário presente na escola, onde alguns alunos rezam para ter uma nota de aprovação, até as cerimônias de premiação e formatura, que muitas vezes são realizadas na igreja ou no ginásio com a presença de um sacerdote católico. É inevitável não perceber quanto os elementos de fé estão espalhados pela escola e presentes nas falas dos educadores. Elementos estes que vão desde o acolhimento maternal até as rezas que os alunos fazem no santuário para serem aprovados nas avaliações.

Nesta escola, os alunos ficam em média 4 horas por dia, de segunda a sexta-feira. Durante esse período é necessário que seja estabelecido um cronograma rígido para que o conteúdo previamente estabelecido, seja devidamente aplicado durante

todo o ano letivo. Observamos como se dá esse controle na escola visitada, e mesmo que várias atividades tenham sido alteradas por conta do atual momento de pandemia, o controle do tempo sempre se torna necessário, ainda mais em dias em que o controle social, para evitar a transmissão viral, precisa ser constantemente observado.

Por isso, os relatos da coordenadora quanto a distribuição do tempo na escola refere-se à situações anteriores ao período pandêmico. Pois para o funcionamento da escola nestes dias várias regras de convívio tiveram que ser alteradas para evitar a contaminação.

As atividades são distribuídas da seguinte forma:

No parquinho, tem o tempo para cada turma, P1, P2 e P3, cada turma tem a sua vez e o seu tempo.
Eles ficam quatro horas na escola.
Tem as aulas, o lanche e a recreação.
A partir do primeiro ano, eles têm o dia de educação física (um horário de aula, 50 minutos). Eles saem da sala e vão para o ginásio. Para fazer essa parte de exercício.
O horário do intervalo, do primeiro ano do fundamental ao ensino médio é de quinze minutos, da educação infantil, meia hora.
Eles saem só pra dar aquela folgadinha. Pra depois começar a outra aula. (MARIA. 2021. Pg. 10).

Quando perguntado o porquê desse tempo tão curto de intervalo a partir do fundamental, foi respondido que, “já é um tempo reduzido, devido ao tempo de aula deles.” (MARIA. 2021. Pg. 10). E mesmo esse tempo curto, fora da sala de aula, requer um controle, pois mesmo no pátio na recreação “Fica lá uma pessoa observando-os. Pra que não haja tumulto.” (MARIA. 2021. Pg. 17). Mesmo as saídas para necessidades como água e banheiro são limitadas, deve-se ter uma garrafa na carteira, saindo somente uma vez para abastecer e uma saída ao banheiro por aluno, salvo exceções. Como descrito no capítulo anterior e observado na escola, é notória a necessidade de se ter disciplina dos corpos, controle das necessidades, para um maior aproveitamento do tempo na sala de aula.

3.2... em seus direcionamentos socio-econômicos

Ao matricular o filho em uma escola particular, mesmo que sendo nas regiões da periferia dos grandes centros urbanos, os pais geralmente tem como objetivo principal a projeção destes filhos para uma ascensão social. Em conversa com o

secretário da escola, escutamos como a maioria dos pais, quando vem realizar a matrícula de seus filhos, ressalta a dificuldade financeira de mantê-los na escola, e de como esse esforço se faz necessário para que seus filhos consigam o capital cultural mínimo necessário, para não ficar para trás na “corrida da vida”.

Esse esforço é representado desde a antecipação do momento de matricular do filho na escola, que nesta escola se inicia a partir dos dois anos e meio, até mesmo nos materiais escolares comprados pelos pais, nos calçados das crianças que diferem do fardamento, na qualidade do lanche que eles levam.

A necessidade de destaque social já se faz visível nas crianças quando:

até como você chega (os alunos), no seu vestir, nos seus objetos didáticos, entendeu? Na alimentação.
O lanche, o tipo de alimentação, o vestuário.
Porque tem muitos alunos que são espertos e ele percebe. E as vezes eles destacam isso. Tem muitos alunos que observam. A parte social do outro, eles percebem.
E quando tem um poder aquisitivo maior, eles tentam as vezes passar pra o colega isso. Que ele tem mais, que ele pode mais. (MARIA. 2021. Pg. 12).

Os valores sociais advindos do ambiente familiar são transmitidos de forma tão evidente pelos menores que, mesmo todos estando com a mesma farda, “mas eles tentam fazer essa diferença. Essa distinção, até de cor, às vezes, só que a gente trabalha isso.” (MARIA. 2021. Pg. 13).

O fato de matricular o filho em uma escola particular, mesmo que nas regiões periféricas, já representa, tanto para os pais como para os alunos matriculados um motivo de diferenciação. E a forma como os padrões sociais de cada aluno é representada através de material escolar, calçados e tipo de alimento que ele leva, demonstra a necessidade da busca pelo destaque social que a divisão de classes sociais oferece.

A partir de então percebemos como a necessidade desta ascensão social, a necessidade de uma boa formação profissional, se destaca em meio a outras formas de socialização. O sucesso escolar voltado para a obtenção de uma profissão melhor que a dos pais se faz refletido em todos os ambientes da escola, fazendo com que cada aluno esteja focado, unicamente na obtenção das realizações individuais direcionadas para o mercado de trabalho.

Percebemos que a obtenção desse sucesso profissional é um dos pilares da ideologia da escola quando lemos no PPP que:

Desenvolver um processo educativo fundamentado nos princípios legais da Educação Nacional, visando oferecer à comunidade escolar uma Educação Básica capaz de desenvolver no educando as competências necessárias à sua formação comum para o exercício da cidadania, fornecendo-lhe meios para o progresso no trabalho e nos estudos posteriores. (PPP. Pg. 05)

Como comentado nos capítulos anteriores, havendo uma busca desproporcional por um desenvolvimento unicamente profissional, como resultado teremos então um sujeito que não seja questionador quanto as divisões de classes sociais existentes atualmente. Antes, na busca por uma qualificação que se encaixe no mercado de trabalho, ele estaria sendo direcionado a uma condição onde, ele se sinta completamente encaixado nos modelos que lhe foram dados como únicas opções de prosseguimento na vida.

Desde os objetivos gerais descritos no PPP e mencionados acima, até as premiações de destaque já citadas anteriormente, estes elementos demonstram a necessidade da aprovação, dentro dos modelos tidos como necessários, para a ocupação das melhores vagas no ambiente profissional.

Essa busca individual pelo sucesso, associada a urgência com que a corrida pelas melhores vagas é apresentada, reflete em alunos que, com pouco tempo para outras formas de socialização dentro da escola, precisam adquirir um ascetismo escolar voltado para dedicação às aulas, dedicação às tarefas extra classe e uma maior dedicação para separar um tempo de revisão dos assuntos abordados, tempo esse fora do ambiente escolar. Para alcançar um aproveitamento maior do conhecimento obtido na escola, existe a orientação constante da escola,

para eles fazerem uma rotina de estudo em casa. Focar ali um tempinho. Pra que eles façam as suas atividades, além disso eles mesmo podem formar um grupo de estudo. Para ter aquela rotina deles. O que eles assistiram na sala de aula, eles em casa, ter aquele tempinho pra rever isso.

Eles fazem, ou individual, ou podem formar um grupo. Na casa de um deles. Quando os pais permitem.

A gente só incentiva que eles façam isso em casa. Quem não quiser individual, junta aí, forma um grupo aí, ajuda o outro. Entendeu? A gente dá esse incentivo pra eles. (MARIA. 2021. Pg. 16).

Partindo dos pais, o que demonstram é que, o maior interesse é o objetivo profissional a ser alcançado. Por isso é realizado este grande esforço, abdicando de outras atividades que demandem tempo e dinheiro, para possibilitar a manutenção dos filhos na escola particular. Repassando essa necessidade de ascetismo estudantil para os filhos, segundo relatado:

É, tem muitos pais que eles cobram muito dos filhos.
Uns não, uns deixam eles a vontade. Mas aqui, na maioria eles cobram, a maioria cobra dos filhos a avaliação, a nota deles.
Tem uns que pedem assim, para dar uma maneirada, mas tem outros que pedem pra cobrar mais deles.
Muitos querem correr pelo tempo perdido. Já outros querem mais facilidade. Entendeu? Mas a maioria quer que a criança se aplique mais. Para ter boas notas, eles cobram isso deles.
As vezes eles não focam nem assim, o que o filho realmente aprendeu, o que o filho realmente assimilou. Muitas vezes querem mais a nota alta. Eles não procuram saber porque tirou a baixa, se assimilou, se não assimilou, tem muitos que cobram nota alta. Agora não quer perceber se o aluno aprendeu ou não. O importante é que atinja aquela meta. (MARIA. 2021. Pg. 06).

3.3...em sua estrutura física e organizacional

O ambiente escolar, seu espaço físico, a organização que ela utiliza são elementos de extrema importância em nossa observação, pois ele, ainda que indiretamente, pode nos demonstrar elementos que, em suas diversas dimensões, poderão desencadear comportamentos individualizantes, mesmo que aparentemente não intencionais.

A escola visitada possui uma arquitetura que foi sendo adaptada de ambientes residenciais. Ocupa um espaço referente ao que seriam anteriormente quatro imóveis do conjunto habitacional. Segundo descrito no PPP suas dependências possuem:

13 salas de aulas amplas, bem iluminadas e arejadas, todas com ventiladores, salas apropriadas para as turmas de Educação Infantil com estantes e bebedouros: 03 salas no térreo e 10 salas no 1º piso, com birô, 25 bancas em cada sala de aulas, uma, estantes: a instituição também possui biblioteca com computador, 01 sala DVD; 01 sala de Direção, 01 sala para secretaria; 01 sala de arquivo; 01 sala de professores, acoplada com a coordenação; 01 cantina; 07 banheiros; sendo 02 masculinos; 02 femininos; 01 para professores; 01 recepção; 01 amplo pátio para recreação. (PPP. 2019. Pg. 07).

Não foi possível realizar observação da movimentação dos alunos nas dependências da escola por conta das restrições geradas pela pandemia do COVID-19. Porém, segundo relatos da entrevistada, nos períodos anteriores à pandemia, toda a estrutura de funcionamento da escola seria então organizada no sentido de promover uma maior interação entre os alunos, mesmo que de forma totalmente controlada.

Os ambientes de recreação são utilizados de forma alternada entre os alunos da educação infantil, que permanecem por 30 minutos, e que inclusive podem utilizar o parquinho, espaço este que é proibido para alunos maiores de 6 anos. Posteriormente o pátio é ocupado pelos alunos do ensino fundamental, que podem permanecer por lá em um intervalo de 15 minutos. Todos estes, tanto menores quanto maiores, sob supervisão constante de educadores, como referido na entrevista: “Fica lá uma pessoa observando-os. Pra que não haja tumulto.” (MARIA. 2021. Pg. 17).

Podemos observar no interior da escola que há uma separação entre os ambientes ditos infantis e todos os outros ambientes da escola. Como foi descrito no segundo capítulo e também é referido no PPP, as salas de educação infantil são pensadas e adaptadas para receber, acolher e promover uma maior interação entre os alunos iniciantes. Sobre estes espaços a coordenadora descreve que:

Elas são adaptadas com as figuras adaptadas para idade deles. As mesinhas comportavam quatro alunos, hoje só são dois. A sala é toda adaptada, eles têm banheiro em sala, eles têm água. (MARIA. 2021. Pg. 18).

A preocupação com o ambiente de recepção dos primeiros alunos parece ser um fator que gera um extremo zelo entre os educadores e a coordenação da escola. A socialização da criança, que experimenta estes ambientes fora do lar e fora dos olhos dos pais, requer desta escola toda uma preocupação na forma como essa socialização se inicia.

Eles vão ter todo aquele cuidado, até com o modo como ele vai se adaptar, aqui vai ser onde ele vai ter aquele primeiro contato para ele ir subindo os degraus da vida escolar, né? Então a gente tenta fazer a interação dele com os colegas, tanto na sociabilização dele, pra ele socializar bem com as pessoas, como também na parte de divisão. Da divisão assim: hoje eles não podem fazer aquele coletivo, ou no lanche, ou compartilhar alguma coisa, por causa da pandemia. (MARIA. 2021. Pg. 01).

Este ambiente de sala de aula, que inicialmente é voltado para uma maior acomodação e interação entre os alunos, posteriormente vai sendo direcionado para a busca dos resultados individuais. A necessidade de se promover um ambiente mais controlável e direcionável ao desenvolvimento individual dos alunos faz com que os elementos presentes na arquitetura sejam alterados em busca destes resultados. Na medida que vamos avançando pelas salas percebemos como estes elementos decorativos, disposição dos móveis e a movimentação de professores e alunos no interior das salas vão sendo alterados série após série, proporcionando ambientes mais separatistas e controladores, com poucos incentivos a socialização e muitos incentivos a busca pelo conhecimento científico e consecutivamente incentivando também a concorrência.

Neste ambiente escolar, dentro da sala de aula, as carteiras escolares parecem ter um papel fundamental nesse processo de separação, pois a maneira como são dispostas nas salas vão se alterando, na proporção que as séries vão avançando.

Na escola visitada, as salas do maternal tem uma configuração diferente, onde existe uma ambientação voltada para adaptação e sociabilização dos pequeninos, com mesas pequenas onde sentavam quatro alunos, geralmente com quatro pequenas mesas em cada sala, somando no máximo 16 alunos por sala. Mas a figura do birô do professor é sempre presente, de onde “a tia” organiza seu material e demonstra sua autoridade em sala. Existem nesta sala duas camas para o horário da soneca e possui banheiro adaptado para as crianças. E como descrito na entrevista: “A partir de quatro anos eles não tem mais mesa com cadeiras, é banca individual. Carteira individual.” (MARIA, 2021. Pg. 09). A partir das turmas do período 1 até a alfabetização as cadeiras escolares são colocadas em círculo, com o birô à frente. É a partir do primeiro ano do ensino fundamental que as carteiras são colocadas enfileiradas.

Segundo o padrão da escola, a partir do primeiro ano, a mudança da posição das cadeiras poderá ser feita pelos professores, se achar necessário, porém ao final de cada aula terá que colocar na posição normal, enfileirada.

Se ele for fazer alguma atividade que requer um círculo, ele faz. Acabou aquela atividade eles voltam ao normal. Antes da pandemia, faziam aquela roda de conversa. Eles faziam, principalmente com o médio, funcionava muito. (MARIA. 2021. Pg. 16).

Ainda que haja um desejo de demonstrar uma interação entre os alunos, a disposição dos móveis em sala de aula acentua o isolamento dos corpos, como descrevemos no capítulo anterior. Sejam para fins de controle de disciplina, para acompanhamento individual ou para avaliações individuais, separar os alunos individualmente é sempre um consenso no ambiente escolar.

É na sala de aula onde se concentra todo direcionamento aplicado à escola. E como mencionamos nos parágrafos anteriores, à medida que os anos letivos vão passando, ela vai sendo modificada, objetivando uma acomodação voltada para um melhor aproveitamento individual dos conteúdos aplicados. Mesmo no maternal, sempre se faz necessário fazer os alunos entenderem que há um objetivo claro a ser alcançado nesse novo ambiente em que ele está inserido. Pois como vimos anteriormente, avaliações já vão sendo aplicadas com o objetivo de observar as capacidades individuais que serão exploradas dali por diante.

É na sala que se concentra quase que a totalidade do tempo na escola. Mas a escola possui atividades que são fora da sala de aula. Atividades estas que procuram assimilar o conhecimento aplicado na vida cotidiana.

Eventos como passeios e excursões, são promovidos durante os anos letivo, porém são limitados por fatores como: custo de deslocamento, idade dos alunos, carga horária das aulas. Entre estas atividades foram descritos que a escola:

Já foi ao parque ambiental. Lá para Marechal Deodoro. A gente fazia o parque municipal. Museus, passeios para outros municípios. Nessas cidades históricas. Xingó, Penedo, sempre fazia esse trabalho. Professores de história, geografia, faziam esse trabalho. (MARIA. 2021. Pg. 08).

Ainda que estas aulas externas sejam bastante produtivas, no sentido de ampliação e assimilação do conhecimento, ainda assim, representa a sala de aula, com todas as suas características, como hierarquia, alunos e professores fardados, fila dos alunos para entrar e sair dos lugares, se mantém o padrão de formação, mesmo que todos estejam fora dos muros da escola.

Conclusão

A noção da individualidade do sujeito permeia toda a história da humanidade, mas tem encontrado novos sentidos na atualidade. A escola, que tem um papel fundamental na construção dessa individualidade, demonstra que direciona essa construção para sujeitos mais individualistas.

A conclusão que chegamos a partir deste estudo é que a escola moderna tem contribuído sim para essa construção individualista. De que forma? Quando nas suas práticas pedagógicas e ideológicas, nas suas estruturas internas e na reprodução dos valores sociais, não consegue direcionar seus alunos para um despertar crítico a respeito do mundo a sua volta.

Percebemos então que por mais que as ideologias pedagógicas tentem despertar para um sujeito mais participativo, as necessidades econômicas manifestas através pais dos alunos, dia após dia parecem suplantar a sociabilidade em prol da construção de profissionais, ou descrevendo de outra maneira, ferramentas para suprir a carência de mercado. E a concorrência, como uma ferramenta adequada, tende a isolar os sujeitos em busca dos melhores resultados.

Não podemos deixar de observar que, as relações construídas durante o período escolar têm grande importância nas relações sociais que se seguem a partir de então, que a escola procura proporcionar estas interações em suas atividades cotidianas mesmo em detrimento das pressões que recebe.

Salientamos aqui que por não encontrarmos muitas literaturas especificamente sociológica voltada para este tema, por esta pesquisa apresentar várias vertentes que necessitam detalhadamente serem observadas, e também por nosso estudo de caso ser realizado em uma única escola, devido às das restrições sociais que se impõem atualmente e o nosso tempo ser bastante reduzido. Destacamos ser necessário, encaminhamentos para futuras pesquisas, que possam aprofundar as observações dos elementos na escola moderna que contribuem na construção de sujeitos individualistas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti e MACIEL, Louise Claudino. A INDIVIDUALIDADE EM SIMMEL E ELIAS: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA UMA SOCIOLOGIA DO INDIVÍDUO. *Lua Nova* [online]. 2017, n.101, pp.259-290. ISSN 0102-6445.

ARRIADA, NOGUEIRA, VAHL. A SALA DE AULA NO SÉCULO XIX: DISCIPLINA, CONTROLE, ORGANIZAÇÃO *Eduardo Arriada, Gabriela Medeiros Nogueira, Mônica Maciel Vahl*. *Conjectura*, v. 17, n. 2, p. 37-54, maio/ago. 2012.

BARBOSA, Alan Rangel. A CONDIÇÃO DO INDIVÍDUO NA MODERNIDADE. Uma leitura de Marx e Durkheim. *Revista Café com Sociologia*. Volume 5, número 2, Mai./Agos. 2016.

BÉHAR, Alexandre Hochmann. "Meritocracia enquanto ferramenta da ideologia gerencialista na captura da subjetividade e individualização das relações de trabalho: uma reflexão crítica." *Organizações & Sociedade* 26.89 (2019): 249-268.

BRANCALEONE, Cassio. Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, v. 39, n. 1, p. 98-104, 2008.

CANDIDO, Antônio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. *Educação e sociedade*. Rio de Janeiro: Nacional, 1978. p. 107-128.

CANDIDO, Antônio. Tendências no desenvolvimento da sociologia da educação. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. *Educação e sociedade*. Rio de Janeiro: Nacional, 1978. p. 07-18.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In. _____ (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, p. 136-161.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa. Seleção de textos de Jose Arthur

Giannotti; tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. - São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DURKHEIM, Emile. O individualismo e os intelectuais. In: *A Ciência Social e a Ação*. Traduzido por Inês Duarte Ferreira. São Paulo: Difel, 1975.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia e Educação*. editora Vozes. Rio de Janeiro, 2011.

FONSECA, J. G. T. O cultivo de si e o individualismo. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, v.9, n. 2, p. 328-344, 2009.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARIA, Nome fictício do entrevistado. Entrevista I. [Abr. 2021]. Entrevistador: Roberto da Silva Rodrigues. Maceió, 2021. 1 arquivo .mp3 (48 min.).

MARQUES, Rafael. CURRÍCULOS PENSADOS PRATICADOS E SEUS ENTRELUGARES: O COTIDIANO ESCOLAR COMO ESPAÇO TEMPO DE NEGOCIAÇÃO E TESSITURA. 37ª Reunião Nacional da ANPEd, outubro de 2015, UFSC, Florianópolis.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos Terceiro Manuscrito*. Coleção Os Pensadores. Tradução de José Carlos Bruni. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1978.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. Educ. Soc. [online]. 2005, vol.26, n.91, pp.391-403.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. Bourdieu & a Educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 15-35, 2002.

PLAISANCE, Eric. Para uma sociologia da pequena infância. Educ. Soc. v.25 n.86 Campinas abr. 2004.

PPP. Projeto Político Pedagógico. Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Maceió. Jan. 2019.

SILVA, Luciana Justino de Almeida. O indivíduo e a educação na perspectiva do processo civilizador, In: XII SIMPOSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR: civilização e contemporaneidade 2009, Recife.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. tradução, Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

TRINDADE, S. MENEZES, I. A educação na modernidade e a modernização da escola no Brasil, *Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.36, p. 124-135, dez.2009.*

VARELA, Julia, ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria escolar. Teoria & Educação. São Paulo, n. 6, p.68-96, 1992.

VARES, Sidnei Ferreira de. Émile Durkheim e o sentido da modernidade: interfaces entre política, moral e cidadania. Alabastro: revista eletrônica dos alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo, ano 2, v. 2, n. 4, 2014.

VERELA, J. Categorías espacio-temporales y socialización escolar - del individualismo al narcisismo. Revista de educación. Num. 298 (1992).

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. A formação da individualidade moderna: entre a vontade e o dever. Impulso, Piracicaba • 23(56), 113-125, jan.-abr. 2013.

WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.